

Manejando Artefatos: práticas da Empreza Di'ak na produção de mercadorias
em Ataúro, Timor-Leste¹

Kelly Cristiane da Silva (UnB/Brasília)²
Ana Carolina Ramos de Oliveira (UnB/Brasília)³
pedagogia econômica; produção de mercadoria; sociedade de mercado

Práticas pedagógicas voltadas à domesticação da produção, circulação e consumo de bens e artefatos para transformá-los em mercadorias têm sido um dos eixos da ação política em prol do fortalecimento da economia de e para o mercado em Timor-Leste. Para tanto, organizações não-governamentais (ONG) nacionais e internacionais, instituições religiosas, agências de cooperação internacional e instituições do Estado agem em sinergia – intencional ou não –, canalizando e administrando recursos de vários tipos e origens junto a grupos locais de produção. A Empreza Di'ak (ED)⁴, ONG nacional que atua, entre vários outros postos administrativos de Timor-Leste, em Ataúro, é um agente de destaque nesse campo de ação política.

Neste artigo analisamos a atuação da ED junto a grupos de produção do *suku*⁵ de Makili, onde são esculpidas as chamadas *estátuas de Ataúro*, e da aldeia de Arlo, onde são elaboradas cerâmicas localmente denominadas *sanan rai*.⁶ A discussão das formas particulares de a ED se relacionar com segmentos das populações de cada uma destas aldeias será orientada pelas seguintes questões: Como os artefatos produzidos localmente são introduzidos no mercado? O que significa “dar acesso ao mercado” aos artefatos em cada caso? Esses artefatos mudaram no processo, e como? Qual é o lócus histórico e cultural desses objetos em cada comunidade? Inspiradas por essas questões,

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Professora Associada da Universidade de Brasília e Professora Visitante na London School of Economics and Political Science. E-mail: kellysa67@gmail.com

³ Mestranda em Antropologia Social na Universidade de Brasília. E-mail: a.carolinaRoliveira@gmail.com

⁴ Sem o apoio da *Empreza Di'ak*, esta pesquisa não teria sido possível. Agradecemos sua equipe em Ataúro – Sr. José Marques, Eduarda, Martiniana, Sherry, Matthew, Ed, Gerson, Armindo e Paul. Nossa gratidão também à diretora geral da *Empreza Di'ak*, Maria Amado, que abriu as portas da organização para a pesquisa. Rede Feto e a Fundação Oriente também deram suporte para a nossa pesquisa. Este artigo é produto de múltiplos projetos de pesquisa em ciência, tecnologia e inovação, financiados pela CAPES, CNPq e FAP-DF. Pela CAPES, dois projetos de mobilidade acadêmica estiveram envolvidos, a saber, CAPES/AULP 54-2014 e 88881.172482/2018-18. O CNPq disponibilizou recursos para a realização das pesquisas registradas sob os números de protocolo 45784/2014-7 e 310900/2018-2. Pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF), a pesquisa recebeu recursos disponibilizados para o projeto 0193.001529/2016. Agradecemos também a Miguel Antônio dos Santos Filho pelos comentários sobre uma versão anterior deste capítulo.

⁵ *Suku* é uma unidade administrativa constituída por um conjunto de aldeias.

⁶ O termo em tétum significa pote/panela (*Sanan*) de terra (*rai*).

pretendemos evidenciar como variáveis não-econômicas atuam como mediadoras fundamentais na transformação de certos artefatos em mercadorias.

A partir de um olhar comparativo, identificaremos alguns dos dispositivos, condicionantes, fundamentos e expectativas que pautam a dinâmica pedagógica da ONG ao interagir com grupos de produção e com artefatos. Argumentamos que as condições locais de produção dos objetos e, mais fortemente, a história e o local social dos artefatos para cada comunidade – resultantes de adesões diferenciadas ao cristianismo – impõem à ED diferentes formas de manejá-los e, portanto, de organizar suas intervenções em cada uma das localidades. Sugerimos também que práticas administrativas como visitas da ONG às comunidades, seleção, classificação e codificação dos objetos, compra garantida dos artefatos e o trabalho com grupos de produção são tecnologias de governo fundamentais pelas quais certos objetos são transformados em mercadorias.⁷ Segundo Silva (2017), essas tecnologias envolvem uma pedagogia econômica, “um dispositivo de difusão e domesticação da produção, circulação e práticas de consumo de recursos destinados à produção e troca mercantil” (p. 203).

Compreendemos mercadoria na acepção de Marx (1982), ou seja, são artefatos que possuem tanto valor de uso como valor de troca. O seu destino ao mercado e, portanto, a sua alienabilidade, marcam sobremaneira a biografia das mesmas.⁸ No entanto, ambos Kopytoff (2008, p. 94) e Tsing (2013) demonstraram que muitos artefatos não nascem mercadorias, mas adquirem esta identidade por meio de uma série de mediações. Para Kopytoff (2008), mercadoria é “[...] uma entidade culturalmente construída, dotada de significados culturalmente específicos e classificada e reclassificada em categorias culturalmente constituídas.” Inspiradas por esta perspectiva de análise, este artigo aborda um capítulo da biografia de certos artefatos. Trata-se do capítulo que retrata algumas das mediações pelas quais eles adquirem a identidade de mercadorias. Como demonstra Tsing (2013) em sua análise sobre o processo de comodificação de cogumelos, essas mediações são repetidas cotidianamente sobre diferentes objetos em

⁷ O incentivo à produção de mercadorias é uma das formas de induzir a participação de populações em uma economia de e para o mercado. Retomaremos esta questão em nossos comentários finais.

⁸ A presença da mais valia - *quantum* de valor agregado ao valor de troca das mercadorias que ultrapassa o custo de produção, a partir do qual os proprietários dos meios de produção geram seu lucro, em detrimento daqueles que não tem propriedade dos meios de produção, é outro traço essencial do capitalismo, como um sistema de produção, e da sociedade de mercado. Contudo, é preciso lembrar que sociedades de mercado existem sem generalização de produção capitalista.

todas as partes do mundo, a despeito de todo aparato legal e moral que sustenta a sociedade de e para o mercado.

Este artigo se inspira também na epistemologia proposta por Gibson e Graham (1996) para análise de complexos econômicos sujeitos à expansão do capitalismo. Ambas propõem uma perspectiva contra-ontológica para abordagem da expansão da sociedade de mercado e do próprio capitalismo (Silva, 2018). Isso implica pressupor que o enredamento de populações e territórios em sociedades de mercado está condicionado pelos arranjos econômicos que pré-existem à sociedade de mercado. Isso nos obriga a assumir o fato de que estamos sempre diante de mercados, no plural, com configurações próprias a cada contexto, as quais respondem a condições históricas particulares.

Além disso, Gibson e Graham (1996) alertam para o fato de que mesmo em coletivos que se apresentam como nominalmente industrializados e modernos, a reprodução social ocorre mediante a composição de regimes de produção, distribuição e consumo diversificados, que não podem ser subsumidos às representações de um sistema capitalista que a tudo abarca e engole. Diante desses alertas, este artigo revela algumas das mediações e diferenças pelas quais a produção para o mercado se expande em Timor-Leste.

As informações analisadas neste artigo foram produzidas mediante os seguintes procedimentos: 1. Trabalho de campo no posto administrativo de Ataúro, durante os meses de agosto e dezembro de 2017, por meio do qual acompanhamos a organização e dinâmica de atuação da ED junto a grupos de produção, assim como a relação desta ONG com outros atores e espaços de mercado da ilha; 2. Revisão bibliográfica acerca da expansão e difusão do projeto de sociedade de mercado e dos pressupostos e fundamentos capitalistas. Focamos principalmente nos estudos que apresentam a dimensão econômica como integrada – *embedded* (POLANYI, 2000) – na organização e na reprodução social das pessoas.

O artigo segue dividido em quatro seções. Na primeira apresentamos a pauta de trabalho da ED, que prioriza a drenagem de certos artefatos ao mercado. Inscrevemos as práticas desta ONG em um contexto mais amplo de ações no qual se engajam múltiplos atores. Na segunda seção, descrevemos parte da estrutura da ONG em Ataúro e os dispositivos administrativos que ela utiliza para o manejo de objetos em Arlo e Makili. A seguir, discutimos facetas singulares de suas práticas de atuação junto a coletivos de produção nestas aldeias. A quarta seção busca compreender os condicionantes que

justificam estratégias de negociação diferenciadas dos artefatos em cada coletivo. Particularidades sociológicas relativas à adesão das populações do *suku* de Makili e da aldeia de Arlo ao cristianismo são explicitadas nesta seção. Por fim, nas considerações finais, sintetizamos as análises dispersas ao longo do texto, potencializando-as para compreensão dos modos como a expansão do mercado em Ataúro, Timor-Leste, tem se dado.

Antes, algumas informações sobre Ataúro se fazem necessárias. A ilha possui cerca de nove mil habitantes, que se distribuem em cinco *sukus*: Beloi, Bikeli, Makadade, Makili e Villa Maumeta. Diferentemente do restante do país, a denominação protestante Assembleia de Deus tem maior adesão entre a população da ilha, estando o catolicismo presente apenas em Makili, Makadade e Villa Maumeta. Segundo Bicca (2011), a maior adesão ao catolicismo se faz no *suku* de Makili, onde 81% da população se declara católica. Beloi e Villa Maumeta podem ser considerados como os *sukus* com maior infraestrutura, facilidade de acesso e presença turística, estando a sede da ED localizada no primeiro. Neste contexto, vale a pena destacar o fato de Ataúro estar sendo construída como um dos principais destinos turísticos do país⁹, sendo considerada parte da Zona Especial de Economia Social de Mercado (ZEEMS)¹⁰. Em 2015, foi formulado um Plano de Ordenamento do Território da Ilha de Ataúro (POT), o qual atribuiu importante espaço para o turismo.

“É com o mercado que se empodera”

Uma das principais pautas da ED é a transformação do que ela denomina *tradicional* ou *tradição* – os saberes envolvidos na produção de bens e artefatos da *kultura* – em meios de subsistência, por meio da troca dos mesmos por dinheiro através de suas respectivas drenagens ao mercado¹¹.

Em geral, tratam-se de artefatos com histórico de produção que datam do “tempo dos avós”¹², com valor de uso diversos.¹³ O mercado ao qual os objetos são

⁹ Para maiores informações, acessar o Programa de Governo ou o Plano Estratégico de Desenvolvimento (TIMOR-LESTE, 2011). Disponíveis em: <http://timor-leste.gov.tl/?cat=32>. Acesso em 15 de jul. de 2018.

¹⁰ A ZEEMS tem como objetivo o “estabelecimento de zonas especiais de comércio de cariz social que permitirão o crescimento duma economia social de mercado, as quais podem servir de modelo em Timor-Leste”. Disponível em: <https://www.zeesm.tl/pt/visao-e-missao/>. Acesso em 15 de jul. de 2018.

¹¹ *Kultura*, no âmbito deste artigo, qualifica um conjunto diverso de práticas e representações a respeito dos saberes locais leste-timorenses. Trata-se de uma categoria nativa, êmica, mobilizada por diversos agentes para justificar práxis de governo ou marcar especificidades locais frente às formas de organizar e pensar a experiência no mundo de origem euro-americana. Para uma análise da genealogia e usos políticos desta categoria no Timor-Leste pós-colonial, ver Silva, 2014.

¹² *Tempo dos avós*, *tempo uluk* são expressões utilizadas por nossos interlocutores para qualificar o fato de que os saberes envolvidos na produção de certos artefatos são imemoriais/ancestrais e não-escolarizados.

direcionados é, prioritariamente, a loja da ONG em Ataúro e Díli, que tem como um dos principais públicos-alvo os turistas. De acordo com a diretora geral da Empresa Diak, “nós não compramos da comunidade porque temos a loja. Nós temos a loja porque compramos da comunidade”.¹⁴

O incentivo à circulação desses artefatos no mercado é uma tática da ONG para o empoderamento econômico das comunidades. Argumenta-se que por meio da troca das mercadorias produzidas localmente por dinheiro, no espaço do mercado, as comunidades – e em especial as mulheres – conseguiriam maior independência e poder. Na visão da ED, a suposta vulnerabilidade das populações leste-timorenses, e em especial, de suas mulheres, é consequência do “subdesenvolvimento” de uma economia de mercado no país. Essa é a racionalidade por trás das práticas pedagógicas engendradas sobre a organização produtiva das populações.

A tática da ED não é um fato isolado. Ela é parte de práticas de governança engendradas por vários atores em prol da edificação de uma economia nacional. Exemplar, a esse respeito, é o discurso do então Primeiro Ministro de Timor-Leste, Mari Alkatiri, a alguns grupos, ONGs e coletivos de mulheres – dentre eles a ED. No evento “*Hasae Vizibilidade no Konsensia Publika Konaba Kontrobuisaun Feto iha Produsaun Agrikultura, Nutrisaun no Asesu ba Merkadu*”, em 15 de dezembro de 2017, Alkatiri propôs uma correlação direta entre construção nacional e “mudança de mentalidade para o mercado”. O mercado foi apresentado por ele como principal meio de desenvolvimento do país. Para tanto, remodelações das práticas produtivas realizadas pelas populações foi apresentada como condição. Em discursos como este, a denominada “economia de subsistência”¹⁵ é retratada como improdutiva e sua substituição por uma economia de mercado é vista como única condição para melhora das condições de vida da população¹⁶.

Comprar é negociar: Empresa Di’ak junto aos grupos de produção

¹³ No site da ONG, esta frase representa bem a sua atuação: “*We partner with communities identifying livelihoods’ opportunities, improving local products and providing access to market*”.

¹⁴ Registro do diário de campo em entrevista realizada em novembro com Maria Amado.

¹⁵ No âmbito deste artigo, propomos abordar “economia de subsistência” como categoria êmica, a despeito das críticas conceituais já providas pela antropologia ao modo como o senso comum de origem ocidental a concebe. Para tais críticas, consultar, entre outros, Sahlins (1972) e Gibson et al. (2018).

¹⁶ Para Polanyi (2000) a principal característica da economia de mercado é a busca do lucro como seu principal fim. A transformação da terra, do trabalho e do dinheiro em mercadorias foi condição fundamental para que a sociedade de e para o mercado se conformasse e expandisse na Europa Ocidental. A transformação do lucro em principal objetivo da atividade econômica promoveu o desenraizamento da economia das formas de reprodução social, edificando-a como uma esfera de ação social pretensamente autônoma.

Discutimos nesta seção traços comuns às ações empreendidas pela ED em Arlo e Makili. Fundada em 2010 por um casal português, Ariana e Filipe, a ONG tem uma ampla atuação em todas as regiões de Timor-Leste. No entanto, a presença da organização em Ataúro é singular. Nesta ilha, a ONG tem um escritório específico, denominado *Sentru Ataúro Di'ak*.¹⁷ Além de coordenar as atividades da ONG na ilha com certa autonomia para a tomada de decisões, este escritório também promove aulas gratuitas de inglês, computação, dentre outros; administra uma horta comunitária de vegetais e uma incubadora de patos; e é ainda um alojamento para membros e voluntários se hospedarem quando se deslocam à ilha.

Um dos alicerces das práticas pedagógicas da ONG é o trabalho com grupos de produção. Este formato não é exclusivo à ED. Trata-se de uma tática de governo utilizada por muitas instituições. Justifica-se sua utilização pelas seguintes razões: (i) para que os recursos sejam melhor distribuídos; e (ii) para que as comunidades aprendam a trabalhar em conjunto, sabendo lidar com as diferenças. De nosso ponto de vista, tomar grupos de produção como objetos de ação política e pedagógica é também uma forma de potencializar o alcance numérico das mesmas. Além disso, o envolvimento de um número grande de agentes pode potencializar reestruturações coletivas de várias modalidades de relações e práticas.

Para cada grupo de produção com o qual trabalha, a ED conta também com o apoio de um ponto focal, isto é, uma pessoa do grupo de produção responsável por realizar comunicações e trocas entre a ONG e os coletivos de produção. Todo sábado estas pessoas se deslocam ao *Sentru* da ED em Beloi para relatar como tem ocorrido o trabalho e possíveis necessidades e/ou dificuldades. O ponto focal permite manter ativo o fluxo de informações entre os grupos de produção e a ED e garantir que as informações cheguem para todos os grupos sem que a ONG precise se deslocar mais vezes. Como forma de retribuição, a cada visita realizada a ONG oferece a seus pontos focais uma saca de arroz de 23kg, café, açúcar, dinheiro para compra de créditos do celular e uma ajuda de custo. A soma destes recursos totaliza em média US\$ 48 para cada ponto focal.

A compra dos objetos dos grupos de produção para vender na loja em Beloi é uma das principais práticas do *Sentru*. A equipe visita os coletivos de produção uma vez ao mês, em dias fixos da semana. A depender das condições de locomoção disponíveis, a

¹⁷ Localmente, o lugar é chamado apenas por *Sentru*.

equipe da ED chega aos grupos a pé, de barco, tuk-tuk¹⁸ ou de caminhão. O acesso aos grupos de produção é fortemente impactado pela precariedade de infraestruturas de acesso às aldeias. Estátuas, cerâmicas, cestarias e diversos produtos trançados de palha de *akadiro* (palmeira), artesanatos em madeiras, sabonetes, bijuterias, café, livros, dentre outros, são alguns dos artefatos comprados pela ONG. Além disso, a ONG também oferece treinamento e tutoria para as comunidades, a fim de auxiliar no desenvolvimento do artesanato.

A escolha do dia da semana para a visita a cada comunidade é diferente. Em Makili, a visita se dá no dia do seu mercado, ou seja, às quintas-feiras, quando famílias de diferentes *sukus* de Ataúro se deslocam para a aldeia Fatulela. A ONG se encontra com o grupo no espaço de venda e produção específico dele. Em Arlo, a visita é na terça-feira, não coincidindo com o dia do mercado, porque o mercado ocorre em outra aldeia.

A ONG dispense cerca de US\$ 500 mensais para compra de artefatos produzidos em Ataúro. Neste valor estão as despesas de transporte e alimentação do *staff* da ONG em seus deslocamentos às aldeias. Tendo em conta os fatos de que, segundo o Banco Mundial, em 2014, 30.3% da população em Timor-Leste vivia com menos de \$1.90 dólares por pessoa, e que a circulação monetária em Ataúro é bastante limitada, a introdução deste valor na economia local é um fenômeno que pode trazer muitas mudanças nas dinâmicas de produção e reprodução de coisas e pessoas na ilha.

A seleção dos objetos a serem comprados pela ED, para posterior revenda em suas lojas, é parte fundamental de suas práticas pedagógicas junto a grupos de produção. Esta seleção é realizada levando em consideração quatro variáveis: 1. os padrões estéticos dos artefatos, considerando o quanto eles se aproximam ou não das noções de belo e beleza de seus potenciais consumidores – em geral estrangeiros, turistas ou membros das elites urbanizadas do país; 2. a qualidade final do produto, tendo em consideração as expectativas dos consumidores finais; 3. o fluxo de saída de cada mercadoria da loja em Beloi; 4. o orçamento disponível em cada visita da ED aos grupos de produção para compra dos mesmos.

Parte importante destes objetos já nasce com o destino de mercadoria. No entanto, esse destino se concretiza quando são selecionados para as lojas da ED. A partir do momento em que os artefatos são selecionados, retirados das aldeias e que, em troca deles, os artesãos ou grupos de produção recebem pagamentos em dinheiro, os

¹⁸ Meio de transporte local que consiste em um veículo motorizado de três rodas para o transporte de passageiros.

produtores perdem direitos de propriedade sobre o que produzem. Seus objetos passam a ser alienáveis.

A transição ontológica dos artefatos em mercadorias é mediada pela agência de uma planilha formatada no programa *Excel*. Esta planilha consiste de um sistema classificatório para os artefatos, codificando-os em termos de tipo, medida, origem, modelo e preço. Para cada um destas variáveis, há escalas de codificação específicas, que geram um código composto cuja principal função é indicar o preço a ser pago por eles aos artesãos no momento da compra. Abaixo seguem dois exemplos da aplicação dos sistemas classificatórios a estátuas e cerâmicas:

Figura 1 – Exemplo de classificação:

MKL.06.051

MKL: origem de Makili

06: categoria estátuas

05: modelo de estátuas de pares (jacaré, uma imitação do Cristo Rei, um casal, etc)

1: medida (pequeno, media, grande, etc)

ARL.10.010

ARL: origem de Arlo

10: categoria *sanan rai*

01: modelo *sanan rai*

A cada código, estão associados dois preços: o preço a ser pago pelas peças nas compras junto aos grupos de produção e o preço de venda na loja. A planilha também informa aos agentes da ONG, no momento da compra, a quantidade de peças já disponível nos estoques de suas lojas. Assim, por exemplo, se no estoque de suas lojas já houver um número grande de um determinado artefato, a compra de peças similares ficará para uma outra visita. O preço pago pelos artefatos é baseado em negociações anteriores entre a ED e os produtores. Quando o grupo de produtores apresenta inovações, a ED negocia novos preços.

Os códigos passam a operar como identificadores dos artefatos em toda sua circulação na ED. A ONG disponibiliza também recibos, registros escritos de compras que realiza, para os artesãos ou grupos de produção. Nestes recibos, os produtos comprados são descritos a partir dos códigos pelos quais eles são identificados na planilha. Nas lojas em Beloi e Díli, a ONG utiliza esses mesmos códigos para contabilizar os artefatos que entraram e saíram da loja.

A partir de uma etnografia da biografia de cogumelos da espécie matsutake, Tsing (2013) identifica eventos críticos que marcam as transições ontológicas dos mesmos de

dávias – plasmadas como efeito de ações coletivas (comuns¹⁹) – para mercadoria e de mercadoria para dádiva.²⁰ Tsing (2013) argumenta que os sucessivos procedimentos de seleção e classificação dos cogumentos matsutake são essenciais na transformação dos mesmos em mercadorias. A realização destes procedimentos por pessoas que não tem nenhum apreço ou ligação emocional com os cogumelos, bem como a extração dos mesmos de seus contextos de origem são fenômenos que permitem a esses bens circularem, em um momento específico e muito fugaz de suas biografias, exclusivamente como mercadorias. Inspirada por Latour, Tsing sugere que as seleções e classificações as quais os cogumelos são sujeitos operam como meio de purificação, pela qual se extrai deles qualquer informação que os vincule a pessoas, lugares ou histórias particulares.

As práticas de classificação e conseqüente codificação que ordenam o manejo de artefatos pela ED geram também efeitos de desvinculação dos mesmos das pessoas envolvidas em suas respectivas produções, embora sejam mantidas referências a suas origens geográficas quando estão nas lojas. A partir do momento em que eles são selecionados, codificados e comprados pela ED, o potencial uso dos mesmos como dádiva é suspenso, embora nada impeça que eles sejam posteriormente apropriados para gerar e reproduzir vínculos, inclusive em práticas rituais. De todo modo, a codificação, nos termos em que é realizada, gera certa anonimização dos objetos e marca a existência deles, pelo menos durante um período, exclusivamente como mercadorias. Para a ED, estes passam a existir como código feito de letras e números.

A seguir, analisamos particularidades das ações pedagógicas da ED em Makili e Arlo. As informações discutidas são produto do acompanhamento das visitas da ONG aos grupos de produção destas localidades. Em todas as visitas, fomos acompanhadas por Eduarda, Martiniana e Sherry, staffs da ED, as quais somos muito gratas.²¹

Transformando mercadorias em Makili

¹⁹ Por comuns, queremos dizer recursos e conhecimentos produzidos e devidos coletivamente.

²⁰ Grosso modo, a condição de dádiva de certos objetos e serviços advém dos seguintes fenômenos: 1. a celebração da vinculação dos mesmos a quem os produziu ou permitiu sua circulação (sejam pessoas individuais ou coletivas); 2. a troca desses objetos e serviços como suporte para construção ou reprodução de relações que estão fora da operação de troca. Objetos e serviços circulam entre diferentes regimes de troca, os quais afetam a condição ontológica dos mesmos. É justamente isso que torna possível a transformação de dávias em mercadorias, e vice-versa. Em razão de restrições espaciais, não podemos explorar aqui a vasta literatura produzida pela antropologia para compreender a condição de dádiva de certos objetos ou serviços. Para tanto, ver Silva, 2017.

²¹ Enquanto as duas primeiras, leste-timorenses, fazem parte do corpo assalariado da ONG, a última era uma voluntária da organização Corpo da Paz e trabalhava na ONG já há dois anos. O envolvimento dessas três interlocutoras com os grupos de produção era bastante similar.

Makili, comunidade majoritariamente católica, é identificada localmente como habitada principalmente por pescadores e escultores. Os deslocamentos impostos pelo Estado indonésio no período da ocupação levaram sua população a fixar residência em uma região litorânea, que não possui um solo propício para a agricultura e onde a água é escassa (BICCA, 2011). As hortas ainda são mantidas nas montanhas e a produção agrícola é praticamente toda às unidades domésticas. A pesca, a produção de artefatos, pensão para maiores de 60 anos e emprego no funcionalismo público são os principais meios pelos quais a população tem acesso a recursos monetizados.

A organização da comunidade para produção de mercadorias tem sido bastante impulsionada por ações lideradas por dois padres, Pe. Pierluigi Fornasie e Francesco Moser²², respectivamente conhecidos como Pe. Luis e Chico. Desde 2005, os padres passaram a incentivar e apoiar a criação de grupos de produção a fim de facilitar o acesso das populações da ilha a recursos financeiros. Exemplar, nesse sentido é a cooperativa Bonecas de Ataúro, em torno da qual estão articuladas cerca de 60 mulheres (em sua maioria de Makili) para produzir bonecas, bolsas e outros acessórios. O reconhecimento internacional da cooperativa e de seus produtos faz com que a produção de mercadorias seja vista com otimismo pela população.²³

Em Makili, a ED atua junto a dois grupos de produção: *Estatua Manukokorek*, composto apenas por homens, que esculpem seus artefatos em casa, individualmente, e; *Haburas Homan*, composto majoritariamente por mulheres que se articulam para produzir artefatos trançados de folha de *akadiro*.²⁴ O primeiro grupo teve sua formação estimulada pela ED, que proveu treinamento sobre formação e gestão de negócios. Já o segundo existia antes da chegada da ONG em Makili e foi incentivado por agentes do governo em 2014, segundo relato da líder, Virginia Soares.

O grupo *Haburas Homan* possui uma oficina de produção, no mesmo terreno da casa da líder do grupo, onde seus integrantes se reúnem tanto para produzir seus artefatos como para vendê-los à ED. Por isso esse espaço é também conhecido como loja, pois aí os artefatos também são vendidos. Quando da visita da ED à comunidade,

²² No momento em que redigimos este artigo, o Padre Chico já não se encontrava mais em Ataúro. Ele faleceu no dia 25 de dezembro de 2018.

²³ Apesar disso, a taxa de rotatividade entre as mulheres é alta e elas se ausentam do trabalho na cooperativa com alguma frequência. Algumas de nossas interlocutoras em campo sugerem que as ausências se devem a dois grandes motivos: sobrecarga de trabalho no espaço doméstico e, em alguns casos, violência doméstica de gênero.

²⁴ Este grupo, atualmente, é composto por quatro mulheres e dois homens – maridos de duas das integrantes. A presença masculina é justificada como de extrema importância para o bom funcionamento. SMário, esposo da líder do grupo e ponto focal de Makili, comentou que o grupo consegue se manter porque as mulheres não precisam pagar pelas folhas de *akadiro*, já que ele e o Manoel, como membros, colhem as folhas, subindo nas árvores, que em geral são altas. Pelo o que foi observado durante a nossa estadia, essa atividade é, de fato, majoritariamente masculina.

os artesãos responsáveis pela produção de estátuas se deslocam a loja a fim de comercializá-las junto à ED. Outros grupos de produção também existem em Makili, embora a ED se relacionasse, no período de nossa pesquisa de campo, exclusivamente com os dois grupos citados acima.

Acompanhamos uma visita típica a Makili e observamos a equipe da ED selecionar, classificar e pagar pelos produtos. O tétum era a língua de transação entre os grupos e a equipe da ONG, enquanto, entre si, os produtores conversavam em sua língua nativa, o *Hresuk*. A visita começou com perguntas sobre práticas trabalhistas e dificuldades encontradas durante o processo de produção. Também houve tempo para perguntas dos membros dos grupos de produção.

O foco da visita foi a seleção dos produtos para compra, um processo lento, dada a grande quantidade de objetos expostos para a equipe de ED. As compras ocorreram de forma individualizada, envolvendo recibos individuais e nominais. Para os membros do grupo *Estatua Manukokorek*, o dinheiro ganho com as vendas ia direto para cada artesão, sem mediação da gestão coletiva. Para o *Haburas Homan*, o pagamento envolvia apenas um recibo, e o líder do grupo era responsável por gerenciar a alocação do dinheiro trocado pelos produtos.²⁵

Um fato importante marca a relação da ED com os grupos de produção acima citados: não é a ED quem estabelece os preços a serem pagos pelos artefatos. Eles são apresentados à ED já precificados por seus produtores. O que seus funcionários fazem durante a seleção e classificação dos objetos é averiguar se os valores requisitados pelos produtos respondem ao preço passível de ser pago pelos mesmos tais como classificados em sua planilha e se há recursos suficientes para comprar todos os artefatos necessários para reposição do estoque. Quando há importantes *gaps* entre o preço atribuído a um objeto pelo artesão e o preço que a ONG pode pagar, negocia-se. Em outros casos, evita-se questionar o preço dos artefatos, por se reconhecer que aquele item de fato vale aquele preço, apesar do seu valor estar além da capacidade financeira da ONG naquela visita.

Embora no passado a ONG promovesse ações de desenvolvimento e adaptação dos produtos ao mercado de destino, durante a nossa passagem pelo campo, inovações nos artefatos eram introduzidas pelos próprios produtores. Nossas observações neste *suku*

²⁵ Ao identificar essa dinâmica de pagamentos individuais, questionei sobre o argumento da ONG de apenas trabalhar com grupos. Informaram que apesar de pagar individualmente para os homens artesãos, eles fazem parte do grupo, não sendo, assim, encarado como um problema.

indicaram que as tecnologias de governança ED aplicadas aos artefatos e seus produtores se limitavam além da seleção em si, à inserção de planilhas e documentos de gestão, recibos e listas de presença nas reuniões.

Os funcionários da ED etiquetam e definem os preços das mercadorias diretamente no *Sentru*, sem seleção a posteriori. O preço final ao consumidor é definido se adicionando entre 7 e 83% do valor ao preço originalmente pago ao produtor.

Por último, mas não menos importante, o fato de os residentes de Makili terem acesso direto ao mar implica que eles podem viajar regularmente para a capital do país, Díli, e, portanto, estar envolvidos no regime de troca de mercado com frequência.

Transformando mercadorias em Arlo

Em Arlo, a atuação da ED com o Grupo *Hakusara* se dá de maneira bem distinta daquela que caracteriza suas relações com os grupos de produção em Makili. O fato de a própria existência do grupo ser produto da atuação da ONG nesta aldeia já é uma evidência disso. Em 2014, ao encontrarem duas senhoras que ainda detinham os saberes de produção dos *sanan rai*, prática até então tida como extinta e sem reprodução na comunidade, a ED começou a trabalhar intensamente para recuperar e reavivar os saberes locais relacionados a estas práticas. Nos relatórios da ED, encontramos registros de um grande número de atividades realizadas para recuperação e valorização de saberes locais envolvidos em olaria e indicações de necessidades de modificações nos produtos, nos modos de produção dos potes e dos cálculos de custo de produção.

Outro mediador importante neste processo foram os trabalhos de arqueólogos e outros cientistas sociais na região, financiados pelo *Institut du Recherche pour le Développement* (IRD), entidade francesa, com o apoio e autorização do Estado leste-timorense. O arqueólogo Jean-Christophe Galipaud, em 2014, em conjunto com a Secretaria de Estado da Arte e Cultura, publicou um livro resultante de um estudo amplo sobre a produção dos *sanan rai* em todo o Timor-Leste. Intitulado *Sanan Rai. Um patrimônio em extinção em Timor-Leste*, o livro aborda a história desses artefatos em diversos municípios leste-timorenses. No caso específico de Arlo, a necessidade de que esse saber, concentrado em duas senhoras já bastante idosas – Katharina e Joana –, seja revitalizado e partilhado, haja vista ser o *sanan rai* um patrimônio em extinção.

O Grupo de produção *Hakusara* é composto apenas por mulheres, geralmente casadas e com filhos. A produção dos *sanan rai* ocorre em conjunto, todas as terças-feiras, no terreno da líder do grupo, Lita. No período da chuva, a produção das

cerâmicas cai, já que no processo de produção é preciso tanto de sol, como de folhas e madeira seca para a queima final.

Em todas as visitas da ED a Arlo que acompanhamos, dispndia-se um longo tempo tomando café, conversando, observando a prática de produção das cerâmicas, interagindo não só com os artefatos, mas com as mulheres. As mulheres integrantes do grupo de produção sempre providenciam café da manhã, almoço, com peixe, geralmente pescado por uma das integrantes do grupo, e coco, retirado na hora por seus maridos. Como o objetivo de incrementar a circulação monetária na aldeia, a ONG paga pela alimentação provida a seus membros um valor total de US\$ 10, independentemente do número de pessoas de sua equipe que estejam na aldeia. Nestes momentos de sociabilização antecedentes à classificação, codificação e compra dos produtos, alguns membros da ED se colocavam, por vezes, como aprendizes de produção de cerâmicas.²⁶

Nesse período, a equipe também aproveitava para acompanhar outros projetos desenvolvidos na aldeia. Além dos *sanan rai*, adquire-se também artefatos trançados com folha de *akadiro*, similares aos comprados em Makili, e objetos produzidos de bambu, como canudos e copos, produzidos individualmente. À diferença dos *sanan rai* e da cestaria, os artefatos feitos à base de bambu são confeccionados, em sua maioria, pelos maridos de algumas das mulheres do grupo e requerem a utilização de máquinas para o acabamento final. A transformação desses outros artefatos em mercadorias para o mercado turístico também tinha a ingerência da ONG.²⁷

Não obstante alguns dos objetos classificados e comprados pela ED em Arlo não serem fabricados por mulheres, a negociação a respeito de seus valores, o recebimento dos pagamentos por eles era sempre realizado pelas mulheres. Elas também eram as titulares dos recibos emitidos pela ED.

A equipe da ED conduziu a reunião em Arlo de forma diferente àquela realizada em Makili. Antes de proceder à compra dos artefatos, as narrativas apresentadas às integrantes do grupo de produção *Hakusara* foram bastante extensas, minuciosas e delicadas. Dado o fato da retomada da produção dos *sanan rai* ser recente, assim como a produção de outros artefatos, maiores explicações pareceram ser necessárias para

²⁶ Uma vez que a equipe da ED falava Rasua, o idioma predominante em Beloi, as reuniões do grupo eram principalmente neste idioma. O tétum era falado apenas ocasionalmente e por algumas mulheres.

²⁷ Sherry comentou que perguntaram para as mulheres, no começo do projeto, se elas não teriam outros artefatos para venderem, quando, durante as chuvas, não fosse possível produzir o *sanan rai*. Apesar da negação inicial, a ONG indicou que os trançados da folha de *akadiro* utilizados no cotidiano também poderiam ser vendidos. A partir de então estes artefatos passaram a ser commodificados.

justificar às produtoras porque determinadas cerâmicas têm preferência entre os consumidores.

A equipe da ED estendeu a planilha orientando a classificação, codificação e precificação de artefatos com base nas negociações entre a ONG e os grupos de produção. Porém, em Arlo, a ED também adquiriu, por um preço inferior, itens que não tinham a qualidade usual exigida pelo mercado e consumidores finais.²⁸ Nesse caso, o valor não foi baseado na planilha, mas foi estabelecido pela equipe do ED durante a visita.

Ao invés de apenas realizar a compra, os membros da ONG acionavam conhecimentos sobre os gostos e preferências dos consumidores potenciais dos produtos fabricados em Arlo – em sua maioria turistas – sobre o que seria um *sanan rai* de qualidade, com o intuito de justificar o valor monetário e induzir uma melhora na produção para a próxima compra. Nas visitas também são indicados problemas decorrentes de um suposto processo de modulação ou queima não tão precisos que impactam na dimensão estética da mercadoria e, conseqüentemente, na venda do produto ao consumidor final. Diferente de Makili, em Arlo era preciso reforçar que a produção não deveria parar, independente de estar ou não 100% adequada, e que a ONG continuaria a adquirir os *sanan rai*.

Com base em análises de relatórios e discussões com os membros da ED, ficou claro que, além das reuniões mensais, a compra garantida de produtos, inclusive daqueles que não apresentavam qualidade suficiente, era uma estratégia fundamental para resgatar e manter o conhecimento da cerâmica local: “Mesmo perdendo dinheiro, nós continuamos comprando para que elas continuem aprendendo e tentando aprimorar”, disse o coordenador do *Sentru*, José Marques.

Durante nosso tempo no campo, também descobrimos que a ED interferia mais intensamente na gestão do *design* de artefatos em Arlo do que em Makili. Em Arlo, os membros da equipe sempre sugeriam às mulheres novos modelos de cerâmica, como castiçais e cinzeiros, ainda que respeitando a dinâmica de reprodução do conhecimento local.

Finalmente, deve-se notar que os residentes de Arlo estão significativamente mais isolados de Díli e do mercado nacional do que os de Makili. Em Arlo, até mesmo a recepção do telefone celular costumava ser difícil.

²⁸ Nem todas as cerâmicas são adquiridas pela ONG nas visitas. Sherry comentou que as mulheres questionam o que fazer com os potes que não são comprados, já que não possuem nenhuma utilidade localmente.

Se é para o mercado, por que diferente?

As características e limitações das intervenções pedagógicas aqui discutidas são melhor compreendidas quando levamos em conta o modo como as populações se relacionam com os artefatos que produzem e o valor de uso a eles atribuídos. Nesta seção, sugerimos que o capítulo da biografia de certas estátuas de Makili e dos *sanan rai* de Arlo abordado neste artigo está condicionado por um longo e complexo processo histórico. Nesse processo, os objetos foram incorporados a trajetórias diferenciais envolvendo conversão ao cristianismo e dinâmicas particulares de contato com o regime de mercado, entre outros fatores. Os elementos que compõem esse longo processo histórico podem ajudar a compreender como a ED gerencia os artefatos em resposta à agência local.

Durante o trabalho de campo junto a alguns artesãos de Makili, o modo de produção *original* das estátuas foi destacado como fenômeno positivo frente a técnicas modernas de pintura. O chamado processo de fumo,²⁹ aplicado especialmente na fabricação do modelo de estátuas intitulada guardiãs, era frequentemente mobilizado para sugerir o valor superior das mesmas diante de outras que eram produzidas com pintura. A técnica do fumo é considerada um saber e legado ancestral, cuja reprodução garante a própria continuidade da existência das estátuas e daqueles que a produzem até os dias atuais. As estátuas são identificadas como artefatos legados pelos ancestrais, promotoras de uma conexão e proteção mística de impacto fundamental na reprodução da vida da comunidade.

Neste contexto, a atuação da Igreja Católica na comunidade é um fato importante para dar sentido à manutenção da produção das estátuas bem como do valor religioso, místico das mesmas. Tal como sugere Keane (2007) – e, para o caso do Timor Português, Fernandes (2014) entre outros – práticas em prol da conversão ao cristianismo engendradas pela Igreja Católica na região após o Concílio do Vaticano II, iniciado em 1962, tinham como tática o uso de instituições locais como mediadoras para introdução de preceitos cristãos. Assim, as tecnologias e dispositivos para conversão ao cristianismo empregados pela Igreja Católica não tinham como condição necessária o abandono de saberes e práticas locais, embora diferenças entre discurso e prática da Igreja e variações em suas práxis no tempo e no espaço não possam ser esquecidas (ROSA, 2017).

²⁹ Neste caso, a cor advém da queima e defumação das estátuas no espaço da cozinha. Apesar de ser mais demorado, requerendo em torno de três dias a mais, justifica-se a utilização deste, em detrimento da tinta, por sua autenticidade.

A maior penetração do cristianismo católico em Makili, quando comparada com outras regiões de Ataúro, talvez nos ajude a dar sentido à manutenção dos saberes tradicionais ligados à confecção das estátuas e à continuidade do valor místico das mesmas. Esse histórico desempenhou um papel na modulação de intervenções específicas de agentes de governança, como a ED, que têm buscado promover a produção de mercadorias no país.

Certos saberes relacionados à confecção das estátuas são considerados sagrados, imemoriais. Sendo assim sua repetição é altamente valorizada e alterações nas técnicas de produção podem ser vista como um risco. Ao mesmo tempo, a valorização da perpetuação das formas *originais* de fabricação permite a reprodução de formas estéticas excêntricas, caracterizadas como típicas da *kultura* local, atribuindo às mesmas predicativos de tipicidade e autenticidade. Tais fatos facilitam a transformação das estátuas em mercadorias, tornando desnecessárias maiores intervenções da ED em suas dinâmicas de produção em Makili.

Outro fator importante que reforçou o significado e o valor das estátuas no mercado turístico foi a sua popularidade crescente devido à intervenção de investigadores da Charles Darwin University (CDU), do Secretariado das Artes e Cultura de Timor-Leste e da ONG.³⁰ Em 2017, várias dessas estátuas foram exibidas na galeria de arte da CDU em Darwin, Austrália.³¹ Embora essa discussão específica esteja fora das considerações deste capítulo, deve-se notar que esses atores foram fundamentais para a mercantilização de tais artefatos.³²

Por outro lado, a produção contemporânea dos *sanan rai* em Arlo é fruto de circunstâncias históricas bastante diversas. Galipau e Assis (2014), e relatos apresentados por nossos interlocutores, indicam que, no passado, as cerâmicas eram produzidas por grande parte das mulheres da comunidade e tinham alto valor de uso e grande valor de troca em redes de escambo. As pessoas trocavam as cerâmicas por ferramentas produzidas em outras aldeias, por bens utilizadas em práticas de troca para casamentos, funerais, podendo ser transacionadas até mesmo em trocas por terra.

Ao longo do tempo, contudo, vários fenômenos atuaram em sinergia para alteração da produção das cerâmicas. A inserção de produtos feitos de alumínio, ferro e plástico

³⁰ Disponível em: < <https://cdu.edu.au/artcollection-gallery/sculptures-atauro-island-public-programs> > Acesso em 18 de jun. de 2018.

³¹ O catálogo de Joanna Barrkman intitulado “The Sculptures of Atauro Island” também foi publicado para a exposição em 2017.

³²

para cozinhar e armazenar alimentos diminuiu o valor de uso das cerâmicas e por consequência, o seu valor de troca. Segundo a ED, a atividade de produção da cerâmica também sofre uma desvalorização junto à nova geração de mulheres em Arlo, que enxergavam este trabalho como sem prestígio. Essa mudança possui relação com o processo de difusão e formalização do ensino público em Timor-Leste. A frequência à escola é tida como mais importante do que a aquisição de saberes relacionados à práxis da olaria.

Podemos também aventar que, talvez, a adesão das populações de Arlo ao protestantismo tenha tido algum impacto na fragilização dos saberes envolvidos na produção dos *sanan rai*. Ao abordar o *modus operandi* das demandas de conversão ao protestantismo na região, Keane (2007) destaca que as denominações protestantes eram sensivelmente menos tolerantes – em comparação com a Igreja Católica – à manutenção de cultos, ritos e saberes locais entre aqueles que se diziam convertidos ao cristianismo. Na prática protestante, demandavam-se, aos adeptos, o abandono de certos saberes locais e das cosmologias que os orientavam. Uma questão fundamental a muitas denominações protestantes tem sido a supressão das mediações, materiais ou humanas, do contato entre homem e Deus.

Galipau e Assis (2014) sugere que a olaria, assim como a tecelagem para outros contextos, era classificada como um saber feminino, associado à fertilidade e, portanto, à reprodução da vida, entre várias populações leste-timorenses. Diante deste contexto, podemos supor que os saberes envolvidos em sua elaboração eram também considerados sagrados, legados dos ancestrais, similarmente ao que observamos nos discursos sobre as técnicas de fumo para as estátuas de Makili. É possível supor que a produção de cerâmicas fosse também experimentada como meio de conexão com forças místicas e um meio de garantir a fertilidade, a reprodução do mundo.

O desencantamento dos mediadores materiais pelos quais as pessoas se conectavam com o mundo místico tem sido estruturante nas práticas missionárias protestantes na Indonésia Oriental. Diante disso, ficam as seguintes questões: a adesão local ao cristianismo protestante teve um impacto na desvalorização e virtual extinção de certos tipos de conhecimentos? como o desencanto que vem com a conversão ao cristianismo condicionou sua gestão durante os processos de construção da nação?

Por último, é importante sublinhar o contato diferencial entre o *suku* de Makili e a aldeia de Arlo com Díli e com o regime de trocas de mercado hegemônico na capital. Dado que os residentes de Makili têm acesso direto ao mar e praticam a pesca artesanal

para o comércio, o seu contato com Díli e as suas trocas mediadas pelo mercado associadas tem sido bastante frequente. Em contraste, o contato dos moradores de Arlo parece muito menos frequente, também um efeito de sua localização geográfica. Esta é uma razão importante pela qual as práticas pedagógicas de ED em Arlo foram mais intensas e extensas do que em Makili.

Considerações Finais

Este artigo teve como principal objeto de análise parte dos procedimentos pelos quais se dá a produção de mercadorias no *suku* de Makili e na aldeia de Arlo, em Ataúro, em resposta a práticas de governo realizadas pela ED. Inspiradas por Kopytoff (2008) e Tsing (2013), pressupomos que a produção de mercadorias é um processo material e simbólico e que o reconhecimento de um artefato como mercadoria se dá por meio de sua submissão a práticas de manejo específicas.

A ED e outras instituições encorajaram a formação de grupos de produção como uma tática de governança chave destinada a fortalecer seu trabalho pedagógico com as comunidades locais. Por meio de grupos de produção, dissemina-se coletivamente formas próprias de relacionar pessoas e coisas, aumentando as chances de promover reestruturações coletivas de várias modalidades de práticas.

Outra estratégia importante da ED para induzir a produção de artefatos como mercadorias em potencial tem sido a compra garantida. A seguir, a transferência de dinheiro aos grupos de produção ou artesãos em troca de cestarias, estátuas e outras modalidades de objetos é um evento crítico na estabilização da identidade de tais artefatos como mercadorias. Nestas operações de troca está implícita uma regra: uma vez que o objeto seja vendido a ED, os artesãos perdem qualquer direito de propriedade sobre eles. No entanto, a compra dos objetos parece não bastar para consolidar a condição dos artefatos como mercadorias. Para tanto, processos de classificação, seleção e codificação dos mesmos são também essenciais, similarmente ao que identifica Tsing (2013) para os cogumelos matsutake.

Tabelas formuladas no programa *Excel* para ordenar a identificação e atribuição de valores monetários aos artefatos atuam como mediadoras fundamentais dos processos de seleção, classificação e codificação dos objetos. As tabelas parecem ser matrizes geradoras dos sistemas classificatórios pelos quais os objetos são gerenciados como mercadorias. Eles passam a existir na ED exclusivamente pelo código a eles atribuído.

No entanto, diferenças significativas marcam a interação da ED junto a grupos de produção localizados em Arlo e Makili. Como vimos ao longo do texto, em Makili a interação do staff da ED com os integrantes dos grupos locais de produção parece ser mais rápida. A principal atividade da visita consiste na identificação, classificação e compra das mercadorias e posterior inserção das mesmas em planilhas. Em Makili, existem outros grupos de produção além daqueles com os quais a ED trabalha que existiam antes mesmo da ED começar a trabalhar no *suku*. Os integrantes dos grupos de produção de Makili parecem estar bastante familiarizados com a fabricação de artefatos que serão distribuídos como mercadorias e produzem, muitas vezes, inovações na forma dos artefatos a fim de diversificá-los para potencializar suas respectivas vendas.

Argumentamos que tal configuração pode ser produto da sinergia de alguns fenômenos: 1. a vitalidade de saberes locais relativos à produção de artefatos com valor religioso particular, com destaque para as estátuas; 2. numa perspectiva de longa duração, tal vitalidade pode ser produto de práticas missionárias próprias à Igreja Católica pós Concílio do Vaticano II, que sugeria o respeito às culturais locais e o uso estratégico das mesmas para introdução de cosmologias cristãs (Silva, 2018). Em outros termos, sugerimos que as táticas de conversão adotadas por agentes da Igreja Católica em Makili propiciaram a valorização de instituições e artefatos locais, como as estátuas, que hoje são exploradas e desejadas como mercadorias por vários agentes; 3. ligações mais intensas entre Makili e a capital Díli, onde prevalece um regime de mercado.

Em Arlo, o protagonismo da ED na produção de mercadorias parece ser bem maior quando comparado ao seu espaço de ação em Makili. Primeiramente, há de se destacar o fato de que o reconhecimento e resgate de saberes locais relacionados à olaria foi realizado pela própria ED – junto com ações desenvolvidas pela Secretaria de Estado de Arte e Cultura e o IRD. O grupo de produção *Hakusara* também resulta de ações realizadas pela ED junto à comunidade. Antes da ação da ONG, não havia em Arlo nenhum grupo de produção voltado à elaboração de artefatos para consumo externo. Para tornar concretos esses fatos, a interação da ED com setores da população de Arlo é bastante intensa: as reuniões aqui são mais longas, as práticas pedagógicas voltadas para o controle de qualidade são mais detalhadas, e assim por diante. O fato de a ED comprar cerâmicas produzidas que não estão adequadas para venda ao consumidor final é também uma expressão da centralidade de suas ações em Arlo. O que chamamos de mercado se apresenta às artesãs de Arlo pela face da ED.

De outra perspectiva, pode-se aventar que o protagonismo da ED em Arlo resulta, ao menos em parte, da trajetória dos saberes locais relacionados à olaria. Se para produzir cerâmicas foi preciso resgatar os saberes que tornam esse ofício possível, devemos perguntar por que ele foi quase extinto. Como indicamos na seção quatro deste capítulo, o seu desaparecimento decorre de muitos fatores. A introdução de objetos de ferro, alumínio e plástico é um deles. Análises sobre táticas de conversão ao cristianismo na Indonésia Oriental (Keane, 2007) oferecem mais alguns elementos para tornar este quadro mais complexo. Em comparação com as táticas de conversão adotadas por missionários católicos na região, as exigências impostas por denominações protestantes sobre populações locais para o reconhecimento das mesmas como convertidas ao cristianismo eram bastante severas e restritas. Demandou-se das populações o abandono de práticas e saberes locais que evoquem qualquer conexão com cosmologias não-cristãs. Como vimos, entre populações da Indonésia Oriental, a olaria, assim como a tecelagem, evoca o manejo da fertilidade, da continuidade da vida. Em última instância, a fertilidade é, para essas mesmas populações, dádiva da agência dos ancestrais sobre a vida dos vivos. Diante destes fatos, é possível que a cerâmica tenha sido de alguma forma submetida ao controle e ataque por missionários protestantes que operavam em Ataúro. Isso pode ter contribuído para a quase extinção desse tipo de conhecimento em Arlo e em outros lugares.

Cabe ressaltar que ainda não estamos lidando com processos enredamento dessas populações em um modo de produção capitalista. O que esteve em questão ao longo do texto é a produção de mercadorias, estritamente, e isso pode se dar fora e além do capitalismo, como um modo de produção. Contudo, não podemos nos furtar à reflexão de possíveis implicações das práticas de governo aqui discutidas.

A garantia de compra dos artefatos de grupos de produção em Ataúro (e alhures) pela ED (e outros atores) pode induzir as pessoas a investir mais tempo na elaboração dos mesmos. Como consequência, podem vir a investir menos energia na produção de alimentos e em práticas de cuidado recíproco. Ao longo do tempo, a sinergia desses fenômenos, em associação com a alienação da terra, por exemplo, certamente contribuirá para tornar essas populações cada vez mais dependentes de recursos monetizados (dinheiro) e do mercado para sua reprodução social. Assim, as práticas da ED aqui analisadas podem ser vistas como parte de um grande enredo histórico pelo qual se dá a substituição das redes de interdependência pelas quais a reprodução de pessoas e coisas se dá.

Referências Bibliográficas:

APPADURAI, A. Introdução. In: Appadurai, A. (org) **A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Rio de Janeiro, Eduff: 2008.

BICCA, A. **A diferença entre os iguais**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 247, 2011.

FERNANDES, A. J. M. **Em searas do Timor Português: um Estudo sobre as Práticas de Mediação da Diocese de Díli no Período Colonial (1949–1973)**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2014.

GALIPAUD, J. & ASSIS, C. **Sanan Rai. Um patrimônio em extinção em Timor-Leste**. Díli: Secretaria de Estado de Arte e Cultura, 2014.

GIBSON, K. et al. “Community Economies in Monsoon Asia: Keywords and Key Reflections.” **Asia Pacific Viewpoint** 59, no. 2:3–16, 2018. <https://doi.org/10.1111/apv.12186>.

GIBSON, K.; GRAHAM, J. **O fim do capitalismo (como nós o conhecemos). Uma crítica feminista de economia política**. Lisboa: Instituto Piaget: 1996.

KEANE, W. **Christian Moderns. Freedom & Fetish in the mission encounter**. Berkeley: University of California Press, 2007.

KOPYTOFF, I. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: Appadurai, A. (org) **A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Rio de Janeiro, Eduff: 2008.

MARX, K. **O capital**. São Paulo, Abril Cultural, 1982.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e antropologia**, vol. II. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. 1974.

POLANYI, K. **A grande transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro, Campus. 360 p, 2000.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE (RDTL). **Plano de Ordenamento do Território da Ilha de Ataúro**. Unpublished manuscript, 2015.

ROSA, F. D. Temor e Orgias: Dimensões Antissincréticas no Arquivo Missionário Novecentista (Timor-Leste, c. 1910–1974). **Anuário Antropológico** 42, no. 2: 31–56, 2017.

SAHLINS, M. 1972. **Stone Age Economics**. London: Tavistock.

SILVA, K. O governo da e pela kultura. Complexos locais de governança na formação do Estado em Timor-Leste. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, p. 123-150, 2014.

_____. Managing persons and rituals. Economic pedagogy as government tactics. In: VIEGAS, S. M.; FEIJO, R. G. **Transformations in independent Timor- Leste: dynamics of social and cultural cohabitations**. Nova York: Routledge, 2017.

_____. **Parasitando a kultura, produzindo mercados? Etnografias de práxis de governo da economia em Timor-Leste**. Projeto de pesquisa de pós-doutorado. Mimeo, 2018.

_____. “Christianity and Kultura: Visions and Pastoral Projects.” In: BOVENSIEPEN, J. **The Promise of Prosperity: Visions of the Future in Timor-Leste**, 223–41. Canberra: ANU Press, 2018a.

SILVA, K.; FERREIRA, A. C. A Objetificação da Cultura para Construção Nacional em Timor-Leste. Perspectivas a Partir de Coleções de Tais. **Veritas**, 4: 43–59, 2016.

SILVA, K; SOUSA, L. Art, Agency and power effects in East Timor: provocations. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Vol. 4, nº 1/2015, pag. 3-16. 2015.

TSING, A. Sorting out commodities: How capitalist value is made through gifts. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, 3:1, 21-43, 2013.

Websites

Charles Darwin University. “**The Sculptures of Atauro Island**”. 2017. <https://cdu.edu.au/artcollection-gallery/sculptures-atauro-island-public-programs>.

Empreza Di’ak. 2016. <http://empreza-diak.com/>.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE (RDTL). **Programa do VIII Governo Constitucional**. <http://timor-leste.gov.tl/?cat=39>. Acesso em maio de 2018.

Visão e Missão ZEESM TL. <https://www.zeesm.tl/pt/visao-e-missao/>. Acesso em maio de 2018.